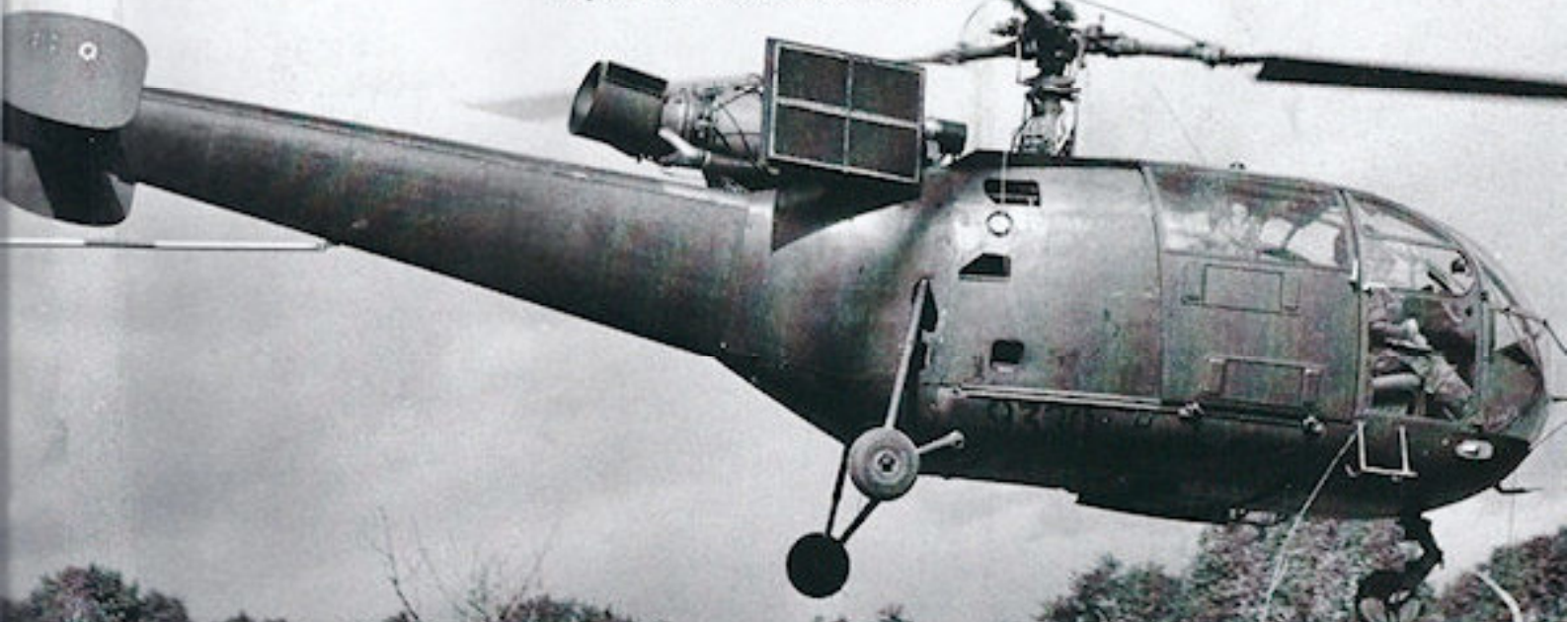


REVISTAÚNICA

Expresso #1997 5 FEVEREIRO 2011



URGENTE

ANGOLA

Memórias de quem viveu o início da guerra colonial

ENTREVISTA

Júlia Pinheiro: "Gosto profundamente de mim. Gosto!"

POLÊMICA

O lado negro do ballet

E AINDA

Entrevista a Colin Firth, candidato a um Oscar
Ponta dos Ganchos, o novo resort de luxo do Brasil

URGENTE
ANGOLA

O primeiro dia do fim do Império

Em 4 de fevereiro de 1961, cadeias e esquadras foram atacadas em Luanda. Era o começo da guerra colonial. O Expresso falou com os protagonistas da História

TEXTO DE PAULO GAIÃO

Estamos em Luanda, ao alvorecer do dia 4 de fevereiro de 1961. Duas centenas de revoltosos africanos atacam a 4ª Esquadra da PSP, a Casa de Reclusão Militar e a Cadeia de São Paulo, com o objetivo de libertarem presos políticos. Os insurrectos estão armados apenas com catanas e armas de fogo rudimentares, mas atacam em força. O guarda Cândido Sales, atingido por sucessivos golpes esvai-se em sangue e chega a ser dado como morto. O seu colega Manuel Borrego Maioral salva o chefe Neves de ser trucidado. Sertório Catarino não morreu porque tinha trocado a escala com o seu amigo Manuel Brás Ferreira, um dos seis polícias mortos nos confrontos. Foram os pri-

meiros a tombar na guerra. Ainda que na altura isso não fosse perceptível, começava aqui o fim do império colonial português.

Todos os antigos guardas que pertenceram à 1ª Companhia Móvel da PSP que estava em Luanda no dia 4 de fevereiro de 1961, hoje reformados, com idades entre os 70 e os 75 anos, lembram-se do Sales. É a recordação viva da tragédia de Luanda. Cândido Barbosa dos Reis Sales, 73 anos, natural de Santiago de Subarrifana, em Penafiel, é hoje o único sobrevivente do ataque do 4 de fevereiro.

Às duas e meia da madrugada de 4 de fevereiro, foi atacado à catanada quando fazia sentinela ao edifício onde funcionava a Emissora Oficial de Angola e os CTT, junto à fábrica da cerveja Cuca, num local isolado. Fica com a cabeça desfeita. Os colegas

NO TERRENO O BATALHÃO DE CAÇADORES 96, COMANDADO PELO TENENTE-CORONEL MACANITA, AVANÇA EM AGOSTO DE 1961 PARA A RECONQUISTA DE NAMBUANCONGO, O SANTUÁRIO DA UPA. É A OPERAÇÃO "VIRIATO", A MAIOR DA GUERRA



ATACADO À CATANADA
CÂNDIDO SALES VÊ A
LISTA DOS COLEGAS DA
EX-COMPANHIA DA PSP.
CONFRATERNIZAM DE
VEZ EM QUANDO. SÃO
VISÍVEIS OS SULCOS DAS
CATANADAS NA CABEÇA
DE SALES. A MÃO DIREI-
TA FICOU PARALISADA
PARA SEMPRE

RUI DUARTE SILVA

entregam-no no Hospital Maria Pia como morto, juntamente com os outros corpos dos polícias. A consternação é total. No hospital, só o pessoal médico lhe descobre ténues sinais de vida. Sales mantém-se dois meses em coma. "Foi um milagre ter sobrevivido", diz o guarda Ivo Varandas, também pertencente à companhia móvel que estava em Luanda.

Sertório Catarino, 73 anos, também guarda da PSP em Angola, recorda que a companhia inteira "tinha a recuperação do Sales sempre em mente". Enquanto houvesse esperança era a memória viva dos camaradas abatidos. Só despertou quando um dia o comissário da companhia, Aníbal de Deus Lopes, lhe disse que apenas continuava a ler-lhe a carta que tinha chegado para ele, cheia de linhas amáveis, se lhe dissesse quem a tinha escrito. Ao fim de uns instantes, disse devagar as primeiras palavras: "Maria Fernanda." A carta era da namorada, também natural de Subarrifana. Tinha ouvido na Emissora Nacional, já na noite de 4 de fevereiro, a notícia de que tinham morrido polícias da PSP em Luanda. Ficou aflita. Na manhã seguinte, vários guardas da GNR vão a casa dos pais de

"Este ano vai haver dois Carnavais". Era a frase que corria em Luanda

Sales dar a notícia. A aldeia fica em alvoroço.

"Não vi quantos eram porque me apareceram por trás das árvores", diz Sales ao Expresso em Subarrifana, ao lado de Maria Fernanda, 71 anos. "Quando fui atingido perdi a consciência. Não me lembro de nada até hoje." Os camaradas disseram-lhe que descarregou todas as balas do seu revólver, encontrado vazio, contra os revoltosos. Foi o último ato que praticou com a mão direita. Em resultado das catanadas, que lhe deixaram vários sulcos na cabeça, ficou com os membros direitos paralisados. Recuperou a mobilidade da perna com o tempo, mas a mão ficou perdida. Aprendeu a fazer tudo com a mão esquerda. De resto, manteve intactas todas as funções.

Os 208 homens da 1ª Companhia Móvel, a primeira criada em Portugal para vários teatros de operações, fizeram a recruta em abril de 1960, na Carregueira, mas só souberam dias antes que iam para Luanda. Partiram a 27, 28 e 29 de junho desse ano, 70 de cada vez, nos Super Constellation da TAP. A decisão, tomada pelo ministro do Ultramar, almirante Vasco Lopes Alves, e pelo comandante da PSP, Fernando de Oliveira, foi precipita-

Cronologia 1961, um ano intenso

JANEIRO

11 — Trabalhadores negros da Baixa do Cassange recusam-se a cultivar algodão e revoltam-se contra as autoridades.

21 — Início da 'Operação Dulcineia' — o assalto ao paquete "Santa Maria".

FEVEREIRO

4 — Assalto de 200 revoltosos negros a alvos estratégicos em Luanda. Sete polícias mortos.

5 — Funeral dos polícias, em Luanda. Brancos respondem às provocações. Dezenas de vítimas negras.

16 — O "Santa Maria" chega a Lisboa e é recebido por Salazar.

MARÇO

4 — Informação dos EUA ao Ministério da Defesa sobre a decisão da UPA de realizar ataques no norte de Angola.

15 — Início da sublevação do norte de Angola, liderada pela UPA de Holden Roberto. Centenas de colonos brancos são chacinados.

ABRIL

11 — Tentativa de golpe do ministro da Defesa, Júlio Botelho Moniz, com o objetivo de demitir Salazar.

13 — Salazar assume a pasta da Defesa e fala ao país: para Angola "rapidamente e em força".

AGOSTO

9 — Nambuangongo, santuário da UPA, é reconquistado pelas forças portuguesas.

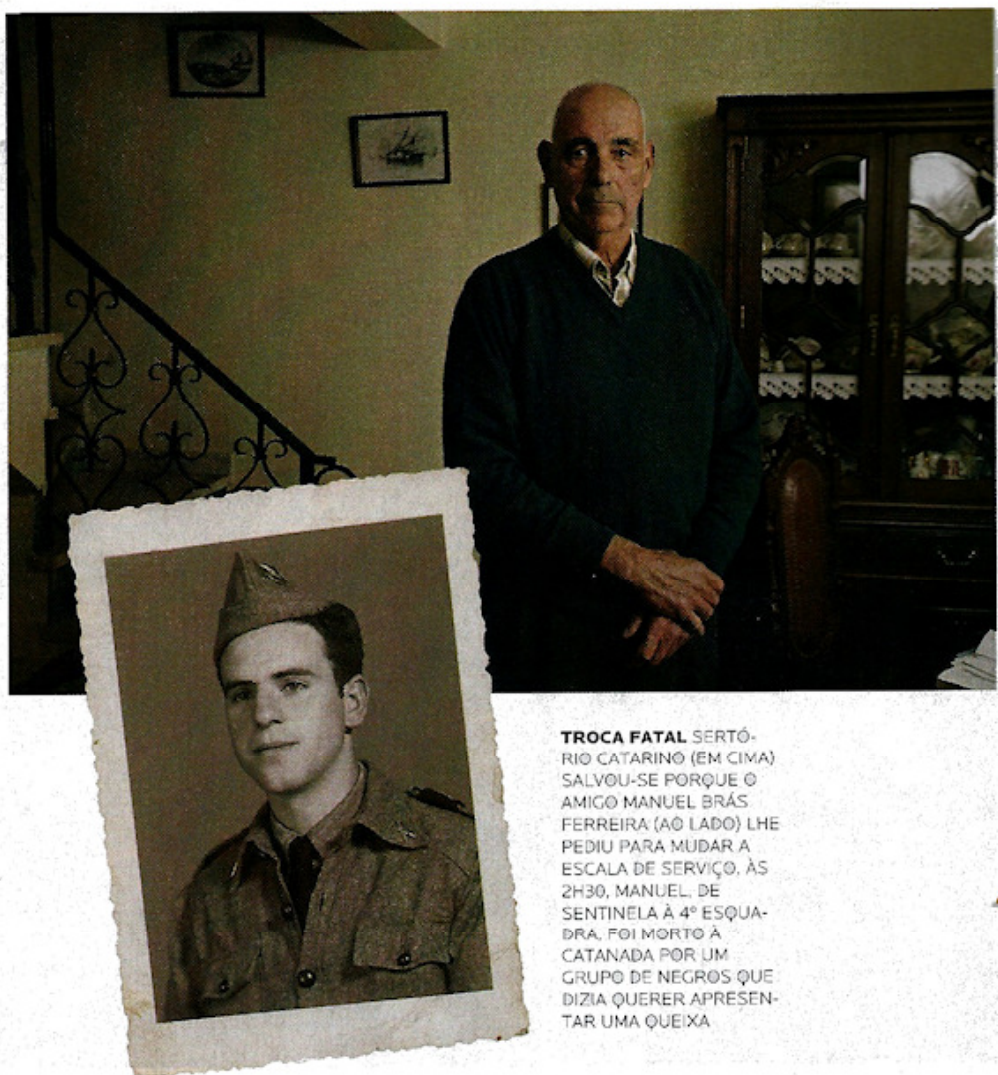
24 — Extinção da cultura obrigatória do algodão nos territórios coloniais.

SETEMBRO

6 — Revogado o estatuto dos indígenas.

DEZEMBRO

18 — A União Indiana ocupa militarmente Goa, Damão e Diu.



TROCA FATAL SERTÓRIO CATARINO (EM CIMA) SALVOU-SE PORQUE O AMIGO MANUEL BRÁS FERREIRA (AO LADO) LHE PEDIU PARA MUDAR A ESCALA DE SERVIÇO. ÀS 2H30, MANUEL DE SENTINELA À 4ª ESQUADRA, FOI MORTO A CATANADA POR UM GRUPO DE NEGROS QUE DIZIA QUERER APRESENTAR UMA QUEIXA

da pela independência do Congo, a 30 de junho. O Governo português estava ciente de que o novo país ia ser um foco de instabilidade para Angola. Não se enganou.

Os guardas da PSP é que não estavam informados dos riscos que corriam em Luanda. É verdade que só iam os que quisessem. Mas ainda não havia guerra e as condições salariais eram muito melhores do que na metrópole. Foram todos, os 208. Em Luanda, ganharam um companheiro, o '209', um cão que adotaram. Nas horas vagas passeavam e iam aos cinemas Miramar e Restauração. Mas Luanda já não era o paraíso sereno dos anos 50. A cidade torna-se muito agitada a partir de janeiro de 1960, quando a revolta negra da Baixa do Cassange, contra o trabalho forçado e a cultura obrigatória do algodão, engrossou o número de presos em Luanda. Juntam-se aos detidos do chamado "processo dos 50", do futuro MPLA, envolvendo Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade, acusados de atividades subversivas.

Um dia esperado. Adriano Moreira, na altura subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, diz ao Expresso que para

ele "o 4 de fevereiro não foi surpresa nenhuma". Entre 1959 e 1961 aderiram à ONU 24 novos países africanos. "Fui dizendo que 1961 era a data provável da ação armada, porque era a data em que o ritmo de admissões de novos Estados na ONU faria perder a barreira do terço", escreve no seu livro "Espuma do Tempo". As decisões contra a política colonial portuguesa precisavam de ser aprovadas por dois terços na ONU, o que veio a acontecer pela primeira vez com a Resolução 1603, de 20 de abril de 1960, dando legitimidade jurídica à luta de libertação dos africanos. "Esta simples conta de somar seria uma das razões invocadas pelo doutor Salazar quando me chamou, querendo ser esclarecido sobre a perspicácia", acrescenta Adriano Moreira.

Foguetes no Miramar. "Este ano vai haver dois Carnavais." Esta era a frase que corria em Luanda, em janeiro de 1961, no círculo dos cerca de 200 revoltosos negros que iam participar no 4 de fevereiro. O Carnaval verdadeiro era o da época, celebrado a 14 de fevereiro. O outro era o da ação do 4 de fevereiro. Que é antecipada pelos insurrectos por



HERÓI MANUEL BORREIRO MAIORAL ACORDOU COM O ATAQUE NA 4ª ESQUADRA. VIU O SUBCHefe NEVES RODEADO POR OITO REVOLTOSOS A LEVAR CATANADAS. FOI BUSCAR A PISTOLA E DESPELOU O CARREGADOR

duas razões. Temem que os presos sejam transferidos de Luanda para o Campo do Tarrafal, em Cabo Verde. Querem aproveitar a presença de dezenas de jornalistas em Luanda para terem protagonismo internacional. Corria a informação de que o pacote "Santa Maria", desviado pelo capitão Henrique Galvão, ia aportar a Luanda a 4 de fevereiro (por coincidência o dia do seu aniversário) e a comunicação social está em peso na cidade.

Os insurrectos eram jovens de Luanda e arredores. E não estrangeiros, como disse o Governo português e a imprensa, sujeita a censura prévia, que noticiou na altura. Com o objetivo de mostrar que as fontes de instabilidade em Angola eram externas. O historiador Carlos Pacheco refere na obra "Angola, Um gigante com Pés de Barro" que os revoltosos eram "carpinteiros, pedreiros, marceneiros, serventes, sapateiros, pescadores, alfaiates e pintores da construção civil". Cada grupo tinha o seu alvo e o seu chefe. Já Dalila e Álvaro Mateus referem os nomes de Bento António, no ataque à Casa de Reclusão, Adão Neves Bendinha, nas Cadeias de São Paulo, e Domingos Manuel Agostinho, na 4ª esqua-

Os atacantes, enfeitiçados, estavam convencidos de que as armas deitavam água

dra. Eram os operacionais. O líder ideológico do 4 de fevereiro é o cónego Manuel das Neves. Mais tarde preso pela PIDE (ver caixa).

Concentram-se nos musseques Rangel, perto dos Emissores Oficiais, e Casa Branca, ao pé da Casa da Reclusão. Daí partem para os alvos. Usam foguetes como senhas para começar os ataques. Sertório Catarino lembra-se de que, segundos antes do ataque à Casa da Reclusão, viu um clarão e comentou com um colega: "Olha, há festa para os lados do cinema Miramar."

Os revoltosos só têm catanas e um ou outro canhangulo (arma artesanal com pólvora e pregos no interior de um tubo galvanizado). Todos os guardas da PSP o confirmam ao Expresso. As armas prometidas por Holden Roberto nunca chegaram. Franco Nogueira, na sua biografia de Salazar, escreve que os assaltantes eram "portadores de pistolas e metralhadoras ligeiras". O "Diário de Notícias" de 5 de fevereiro de 1961 refere "pistolas-metralhadoras de fabrico moderno, de origem checoslovaca". A verdade é que se os negros tivessem estas armas, o número de vítimas portuguesas teria sido, seguramente, superior.

Cónego Manuel das Neves

O líder do 4 de fevereiro

É-lhe fixada residência no mosteiro de Soutelo, onde viria a morrer. A PIDE enterra-o de noite, com os faróis do carro a iluminar

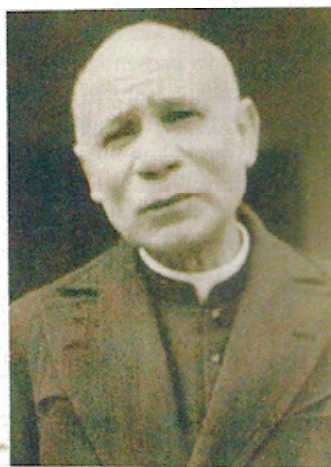
Troca de escala fatal. Cândido Sales não é o único guarda da PSP a quem o destino trocou as voltas. Na manhã de sexta-feira, 3 de fevereiro de 1961, o guarda Manuel Brás Ferreira, 25 anos, natural da Aldeia da Mata, perto de Portalegre, pede ao amigo Sertório Catarino para trocar a escala de serviço na próxima madrugada. Em vez de fazer sentinela à Casa de Reclusão Militar, na zona do porto, fazia a do amigo na 7ª Esquadra da PSP, perto da estrada de Catete. "Estávamos a fazer a barba, quando ele me pede aquilo. Disse logo que sim", refere Sertório Catarino ao Expresso, na sua casa na Comenda, também perto de Portalegre.

Sábado é o dia de folga de Manuel e tem explicações perto da esquadra. Daí o pedido de troca. Fez a 4ª classe, mas continua a estudar. É um jovem interessado, que lê muito. Da Índia, onde foi soldado até 1959, trouxe um estandarte com a figura de São Francisco Xavier, o missionário cristão do padroado português (cujos ossos, o ministro do Ultramar, Adriano Moreira, deu ordem para que viessem para Portugal em 1961). A irmã de Manuel, Rosa Brás Teixeira, 77 anos, recorda ao Expresso: "Quando chegou disse à minha mãe que a meio da viagem da Índia fez uma paragem numa cidade que o encantou." Era Luanda.

Às duas e meia da madrugada, um grupo de três negros aproxima-se da porta da esquadra. Diz a Manuel que quer apresentar uma queixa. Quando o guarda se vira para dentro é morto com várias catanadas no pescoço. Mais negros correm para a esquadra. Ferem com gravidade o subchefe Manuel das Neves, 46 anos, e penetram no átrio da esquadra. Sertório Catarino emociona-se quando fala do amigo. "Foi o destino. Se não fosse a mudança que ele me pediu, era eu que tinha morrido."

"E eu sou o chefe Neves." O guarda Manuel Borrego Maioral, então com 26 anos, está a dormir na camarata da 4ª Esquadra. Acorda com a confusão. "Quando olho para o átrio vejo o subchefe Neves a poucos metros de distância, a levar catanadas de oito ou nove negros." Vai buscar a pistola. Dispara contra os revoltosos e salva o seu superior de morte certa.

"Gritavam mata o branco, mata o branco,



O cónego Manuel Joaquim Mendes das Neves, vigário-geral da Sé de Luanda, é considerado o líder ideológico do 4 de fevereiro de 1961. Sabe de todos os preparativos da revolta e ajuda como pode.

Manuel das Neves nasceu em 1896, no Colungo-Alto, no norte de Angola, filho de um grande agricultor português. Com 12 anos entrou no Seminário-Liceu de Luanda. Com 22 foi ordenado presbítero. O historiador Carlos Pacheco, que o conheceu pessoalmente, refere que era um homem "sensível às injustiças". Ao longo dos anos cria uma rede de contactos que faz dele um homem influente, quando começam a soprar os ventos das independências africanas.

Dias antes do 4 de fevereiro, defende o adiamento. Está à espera de uma reunião da ONU em que participaria o delegado dos EUA, Adlai Stevenson, nomeado pelo recém-eleito Presidente, John Kennedy. O cónego ainda tinha esperança que JFK vergasse Salazar. Em 16 de Abril de 1955, Stevenson, candidato democrata por duas vezes contra o republicano Eisenhower, esteve em Angola, a caminho da

conferência de Bandung, e encontra-se com o cónego. Segundo Carlos Pacheco "deu-lhe todo o apoio" na luta pela emancipação de Angola. Manuel das Neves é preso pela PIDE em 21 de março de 1961. Em abril vem para o Aljube, em Lisboa, e em agosto é-lhe fixada residência no Noviciado dos Jesuítas, em Soutelo (hoje Casa da Torre). Aqui é vigiado diariamente pela PIDE. O irmão Avelino Ribeiro, que fazia serviço na rezeção do Noviciado, diz ao Expresso que "a PIDE tocava todos os dias à porta para saber se havia alguma anomalia com o cónego". As saídas exteriores têm de ser sempre autorizadas. O jesuíta, hoje com 69 anos, recorda que um dia foi com o cónego a Braga. "O agente da PIDE foi na camioneta. Quando regressámos viámos de táxi. Ficaram muito irritados porque nos perderam o rasto". "Sempre os senti muito agitados" na vigilância do cónego. Em 11 de dezembro de 1966, Manuel das Neves morre no Noviciado. "Na véspera, à noite, queixou-se de muito frio e foi deitar-se. De manhã, como não aparecia, fomos ao quarto. Estava morto", diz Avelino. A certidão de óbito refere como causa "enfarte do miocárdio". Carlos Pacheco coloca a hipótese de envenenamento. O corpo esteve para ir para Luanda, sob pressão da família, mas a autorização nunca veio. O caixão, chumbado, manteve-se oito dias numa sala do Noviciado. Depois veio a ordem de Lisboa de que o corpo tinha que ser "enterrado imediatamente" em Soutelo. O funeral realizou-se às nove da noite. "Um carro da polícia, com os faróis ligados, iluminava o interior do cemitério. Vários agentes da PIDE estavam presentes", refere Avelino. Já depois do 25 de abril, em 1982, é prestada uma homenagem ao cónego, em Soutelo, em que se envolvem o Presidente da República, Ramalho Eanes, e o socialista Salgado Zenha. Em 1994, os ossos, sob iniciativa do Governo angolano, são transferidos para o cemitério do Alto das Cruzes, em Luanda.

isto é Angola, isto é Angola”, e acrescenta “O subchefe Neves tentava libertar-se deles e gritava: ‘E eu sou o chefe Neves, e eu sou o chefe Neves’”. Sete revoltosos ficam caídos no chão. Maioral, que apenas ficou ferido num braço, diz que “teria sido uma tragédia se eles tivessem conseguido entrar nas camaratas, apanhando os guardas desprevenidos”.

Os guardas da PSP recordam que o alarme tocou nessa noite. Mas ninguém se levantou. “Há um camarada nosso que acorda e grita: ‘Eh, pá, ninguém se levanta’”, recorda o guarda Alfredo Carvalho. A história é igual à da fábula. As chefias da companhia tinham o hábito frequente de ligar o alarme a altas horas da noite. Uma vez para avaliar a capacidade de reação dos homens. Outras, por simples brincadeira. Nessa noite, ninguém acreditou. “A maioria de nós só se levantou quando ouviu tiros e uma enorme gritaria”, diz Carvalho. Maioral indigna-se com a tragédia que “uma brincadeira irresponsável podia ter causado”.

Virgem e sangue de pombo Sertório Catirino, de sentinela interna na Casa de Reclusão, lembra que os negros “gritavam UPA, UPA, UPA, mata, mata, mata, a bala do branco é ovava (água em kimbundu)”. O guarda Manuel Guimarães, na 4ª esquadra, também ouviu os mesmos gritos dos revoltosos.

A UPA era a União dos Povos de Angola, mais tarde FNLA, liderada por Holden Roberto. Vários historiadores referem a responsabilidade da organização no 4 de fevereiro, na sua primeira ação antes do massacre de centenas de colonos portugueses em 15 de março de 1961. Carlos Pacheco escreve que os revoltosos “militavam todos na UPA”. Dalila e Álvaro Mateus admitem que houve envolvimento de vários militantes. No entanto, o MPLA foi o primeiro a reivindicar os ataques a partir da Guiné-Conacri. José Freire Antunes recorda que “a indevida apropriação foi uma ideia de Mário de Andrade”, tendo como objetivo a sobreposição do MPLA à UPA.

Os revoltosos foram convencidos por feitiçeiros que as armas dos brancos deitavam água. Também foram sujeitos a rituais. A 1 de fevereiro de 1961 os chefes de cada grupo

matarem dois pombos, misturaram o sangue dos animais em água, juntaram areia do cemitério e deram a beber uma colher desse líquido aos presentes. Os revoltosos tinham consigo uma “rainha” (rapariga virgem) para abençoar a operação. A revolta da Baixa do Cassange, um mês antes, terá influenciado estas práticas. Em dezembro de 1960, dois sacerdotes congolezes, com ligações à UPA, infiltraram-se no Cassange e diziam ao seu rebanho para não temerem as retaliações dos colonos porque as armas dos brancos apenas deitavam água.

Estas crenças dos insurrectos prejudicaram a sua ação. Quando veem os seus camaradas morrer — houve cerca de 40 vítimas —

a maioria foge. Hoje, 50 anos passados, há ainda 20 sobreviventes do 4 de fevereiro. No ano passado, o MPLA prestou-lhes homenagem e deu cerca de 7 mil euros a cada um (menorizando o papel histórico da FNLA). A “rainha” do 4 de fevereiro, Engrácia Francisco Cabeia, também esteve presente. O dia é feriado em Angola, assinalando o Esforço Armado. O aeroporto internacional de Luanda tem o nome “4 de Fevereiro”. No entanto, os sobreviventes queixam-se de não lhes darem mais atenção. Em Portugal, os guardas da PSP também lamentam que o papel da PSP no 4 de fevereiro — e durante toda a guerra colonial — nunca tenha sido reconhecido. Hoje nem sequer têm os mesmos direitos conferidos aos militares veteranos de guerra.

Destinos cruzados. Na aldeia de Santiago de Subarrifana, os mais velhos ainda se lembram do regresso de Cândido Sales à aldeia, em maio de 1961. Muitos foram cumprimentados a casa. Um ano depois foi condecorado em Tomar, numa cerimónia que assinalou o envio de mais duas companhias móveis da PSP para Angola, decidido pelo ministro do Ultramar, Adriano Moreira.

Hoje, na igreja da Aldeia da Mata, a bandeira de São Francisco Xavier que Manuel trouxe da Índia foi transformada em pendão. Sai todos os anos nas procissões de agosto. Toda a aldeia sabe que tem um herói tombado no início da guerra colonial. Há uma rua com o seu nome e, no cemitério onde está enterrado, uma lápide recorda que morreu pela pátria, em Luanda, em 1961. O ano em que o destino de um homem se confunde com o ano de todos os perigos e o destino de um país. O ano 1961 começou com o assalto ao “Santa Maria”, veio o 4 de fevereiro, o massacre do 15 de março, o golpe do general Botelho Moniz. A 17 de dezembro, a União Indiana anexa Goa, Damão e Diu. É o início da queda do império português. Eram os ventos da história a virar. Sem que Portugal, que teve os alísios para chegar longe nos Descobrimentos, se deixasse embalar e ainda tentasse fazer em África os novos “Brasis” de que Marcelo Caetano falou, penosamente, uma década depois. Quando já era tarde. ■

pgalao@expresso.imprensa.pt

ECOS POR CÁ O VESPER...
TINO “DIÁRIO DE LISBOA”
DE 4 DE FEVEREIRO DE
1961, QUE SAÍ AO
PRINCÍPIO DA TARDE, JÁ
TEM A NOTÍCIA DOS
ACONTECIMENTOS DE
LUANDA EM PRIMEIRA
PÁGINA. A MANCHETE É,
NO ENTANTO, DEDICADA
À ENTREGA DO PAQUETE
“SANTA MARIA”



Memória Os primeiros soldados enviados para Angola recordam o início da guerra

A 6.ª Companhia de Caçadores Especiais tinha como destino a Índia. No dia da partida, ainda havia quem pensasse que iam a Luanda só dar uns "tirinhos"...



OS 4 DE 1961 FRANCISCO MACHADO, MANUEL SILVA, ANTÓNIO CASINHAS E ANTÓNIO MARQUES, OS HOMENS DA 6.ª CCE, QUE SEGUIU PARA ANGOLA A 12 DE FEVEREIRO DE 1961, FOTOGRAFADOS EM CASCAIS

MANUEL está deitado no meio da pista de terra, cabeça de fora e corpo escondido numa vala tosca e cavada à pressa. À sua frente, seis homens caminham carregados para um lado e outros seis, sem nada nas mãos, fazem o mesmo em sentido contrário. Manuel tem o dedo no gatilho e os olhos armados. À esquerda está um monte de caixas, o único sinal dos aviões que partiram há pouco. À direita, em direção à escuridão total do norte de Angola, está a guerra. Como se o tempo tivesse sido cortado ao meio por uma linha a direito entre o passado e o futuro, deixando-o — a ele, Manuel, que ainda há uma semana esta-

va em Lisboa a despedir-se da família — preso na noite quente de 18 de fevereiro de 1961, com a farda vestida e vista privilegiada para o primeiro ato do fim do império. O calor mistura-se com o silêncio e com o medo neste sábado à noite. A secção criada em Luanda, com elementos da 6.ª Companhia de Caçadores Especiais (CCE), tem instruções precisas. Deve dirigir-se a Cuimba (a pouco mais de 14 quilómetros da fronteira com o Congo Belga) para evacuar dois engenheiros agrónomos da CUF e respetivas famílias que se encontram ameaçados numa fazenda. Um furriel, um cabo e doze soldados dei-

xam Luanda em dois monomotores da Força Aérea rumo ao Norte, numa altura em que ainda não se fala de ataques a colonos, nem de massacres de brancos, nem de chacinas de negros. Nem de guerra, para todos os efeitos. "Março e tudo o que veio depois ainda estava longe", admite Manuel. "Naqueles dias, a nossa preocupação era fazer o que era preciso. Chegar, apanhar as pessoas e vir embora. Todos vivos". Os dois aviões, cada um com sete militares, tinham chegado ao anoitecer. Manuel lembra-se bem, até porque fizeram um primeiro voo sobre a improvisada pista antes de tocarem o

AVENTURA AS PRIMEIRAS PATRULHAS NO MATO MOSTRARAM A DIFICULDADE DAS TROPAS PORTUGUESAS NUM AMBIENTE ADVERSO E CONTRA UM INIMIGO QUE APOSTAVA NUMA GUERRA DE GUERRILHA

ENTRADA RIOS 1961

PATRULHA 1961

1962

LUANDA EM 11-3-61

PAZ E GUERRA AS OPERAÇÕES NO MATO FORAM A MAIOR PARTE DA GUERRA PARA OS SOLDADOS PORTUGUESES, MAS TAMBÉM HOUVE TEMPO PARA MOMENTOS DE DESCANSO E ALGUMAS CERVEJAS NA ESPLANADA

chão. "O capim era muito alto dos dois lados e não sabíamos se havia inimigos. Por isso, comuniquei ao furriel que talvez fosse melhor varreremos aquilo com granadas. O mais impressionante é que fui eu a espoletar as granadas em pleno voo. Depois, fomos largando a ver se aparecia alguém", recorda o militar. Não se viu ninguém. Os dois monomotores pousaram, descarregou-se o equipamento e os aviões voltaram a partir. Ficaram 14 homens fardados, sem comunicações e com uma missão.

BRINDE À VIDA. Há duas semanas, depois de almoço, Manuel Silva e três camaradas, quatro homens de 71 anos, erguem as mãos num brinde a algo que não sabem explicar. Talvez a estejam vivos, talvez a não terem morrido demasiado novos, talvez aos 50 anos que passaram desde o dia em que, sem saberem, se tornaram dos primeiros jovens portugueses para quem ir à tropa passou a significar ir à guerra. "Nós não fazíamos a mínima ideia de para onde íamos", lamenta António Marques na sala de uma casa em S. Domingos de Rana, Cascais. Manuel e os outros dois, Francisco Machado e António Casinhas, fazem que sim com a cabeça. O

uísque desaparece num trago e ficam os copos vazios. "Eu não devia beber isto... Não faz bem nenhum", desabafa Francisco, um subchefe da PSP reformado. Há fotografias espalhadas em cima da mesa, vozes que se misturam, cada vez mais alto, braços que se tocam à esquerda e à direita à procura de vez para falar. É o pretexto para regressar a 12 de janeiro de 1961. Os homens da 6.ª CCE acordaram cedo. Às oito da manhã já tinham tomado o pequeno-almoço e estavam na parada do Regimento de Infantaria, na Amadora, a ouvir as últimas palavras do comandante. "O discurso que se esperava, nada de extraordinário. Motivação e cuidado", diz Manuel. Sim, quase tudo corria como previsto. Exceto um pequeno detalhe. "Quando assentámos praça, a nossa companhia estava destinada a Goa. E, lembro-me bem de um furriel nos ter dito, no dia da partida, que íamos só a Angola dar uns tirinhos e depois seguíamos para a Índia como previsto". A Índia portuguesa acabou no final desse ano. Angola começou.

VOAR PARA A GUERRA.

Surpreendido pelos ataques da UPA (União dos Povos de Angola) em Luanda, que foram ao

mesmo tempo espetaculares e violentos, o Governo português reage como pode. Além das forças policiais, as primeiras a sofrer baixas na guerra colonial, o contingente militar na então província ultramarina conta com apenas quatro companhias de caçadores (mais tarde designadas de CCE) e uma de Polícia Militar (CPM 0233). Os reforços são enviados de Lisboa em aviões da TAP. Logo no dia 7, três dias depois das ações contra as prisões de Luanda, a 5.ª CCE parte de Figo Maduro. Cinco dias depois, os homens da 6.ª CCE, já vacinados, estavam também a subir a bordo dos três Super Constellation da TAP. "Tivemos o dia anterior para nos despedirmos. Ainda assim, consegui que a família me fosse ver à partida. E só me lembro de a minha sogra me encher os bolsos com chouriços", diz Manuel. Os aviões (CSTLA, do comandante Maia, o TLB, comandante Noronha, e TLC, comandante Mano) saíram de Lisboa às 14h25, 14h52 e 15h15. "Deram-nos 500 escudos para a mão e mandaram-nos para a guerra", conta António. No ar, a caminho de Cabo Verde para uma escala técnica, há quem tire fotografias de Lisboa e, mais à frente, uma música de gaita

enche a cabina. "Sabe, a primeira vez que vi um preto foi quando aterrei no Sal", admite Francisco. Na ilha, os militares aproveitam para comer uma sanduíche e um café antes de voltarem ao avião para mais onze horas de voo até Luanda. "A primeira impressão foi o calor. Entrava por nós de uma forma muito violenta", continua Francisco. "Deixámos Portugal no inverno e aterrámos num inferno de calor". Manuel apanha a palavra no instante da chegada. E volta àquela noite de sábado, em que está deitado no meio de uma pista improvisada a vigiar os camaradas que preparam o acampamento. É preciso transportar todo o equipamento para uma cubata ali perto, que ficará a servir de base. No dia seguinte, a secção divide-se. O furriel e mais seis embrenham-se no mato, rumo à fazenda onde estão os dois engenheiros. Manuel, 1.º cabo, fica com outros seis. Apesar de não se ver viva-mente, o terreno à volta é desconhecido. Para garantir a segurança, e segurar a vantagem de ter campo aberto, os soldados portugueses deitam fogo a todas as cubatas. E, por fim, Manuel manda um dos militares para o cimo de uma árvore. "Estivemos muito tempo a treinar um assobio

204



MORTE OS NOMES DAS LOCALIDADES GANHAM-VIDA PRÓPRIA. CINQUENTA ANOS DEPOIS DA GUERRA SIGNIFICAM MASSACRES, OPERAÇÕES, INSTANTES QUE, PARA QUEM OS VIVEU, NUNCA SÃO SÓ A PRETO E BRANCO

especial, que pudesse confundir-se com um pássaro. Seria o sinal de que o inimigo se aproximava".

A PRIMEIRA MORTE. Sete a caminho. Sete à espera. Sem conseguirem falar uns com os outros e sem conseguirem falar para o quartel-general. São os primeiros dias da guerra. Nas mãos ainda há pistolas-metralhadoras FBP, criadas por um oficial português no fim dos anos 40 e produzidas em Braço de Prata. Não há helicópteros, nem rádios eficazes. A guerra começou a acontecer nesse tempo. "O assobio... Ele assobiou". Vinha o inimigo, era um grupo grande, todos armados, em fila a caminho da base. "Foi a primeira vez que matei uma pessoa", diz Manuel. "Lembro-me de tudo. Ele era um tipo novo, que devia ter para aí 30 anos. Vinha descalço, de calções e com a camisola rasgada. Trazia uma catana e um canhangulo (espécie de arma artesanal). Sim, lembro-me da cara dele. Matámos muita gente nesse dia". No mato, outros sete avançam à procura do instante em que vão regressar. "Ficámos cinco dias sem saber o que lhes tinha acontecido". A história da 6.ª CCE tem muitas frases parecidas. Depois de

algumas semanas em Luanda, onde se instalaram, os 150 homens da companhia (que participaram nas inúmeras rusgas feitas aos musseques da cidade logo após o 4 de fevereiro) foram apanhados pela violência de março, divididos em unidades mais pequenas e enviados para vários pontos do território. "Estivemos seis meses sem nos vermos uns aos outros", lembra Francisco. Mas nos dois anos que passaram fardados em Angola estiveram envolvidos em várias operações e, garantem, viram "o pior que o ser humano pode fazer". É nestes momentos que se fecham em si mesmos. Os olhos ficam presos ao chão. Estão virados para dentro e cá fora fica apenas o silêncio. Sentados na sala, os quatro septuagenários de cabelo grisalho pensam. "Há coisas de que não podemos falar. Ainda não. O que aconteceu, aconteceu. Houve muita crueldade dos dois lados". A 6.ª CCE permaneceu em Angola até março de 1963. Nos dois anos na guerra a companhia perdeu seis homens (dois mortos em combate, dois mortos em acidente e dois mortos em explosões de minas). Tiveram fome, sede, e fome e sede ao mesmo tempo. "Não me esqueço de andar meses seguidos

com a mesma roupa. E de, esgotados, bebermos de um ribeiro cristalino antes de vermos três corpos na água ali perto. Ou de contar os sete minúsculos copos que aproveitei de água que cai de um telhado em Aldeia Viçosa, com 45 graus", diz Manuel. Os quatro na sala em S. Domingos de Rana olham para trás e reconhecem que, ainda assim, podia ter sido muito pior. "O nosso comandante não nos dava hipótese. Os erros pagavam-se caro", brincam. "A sério", diz Francisco Machado, "o que nos valeu foi estarmos bem treinados". O primeiro ano de guerra em Angola terminou com 194 soldados portugueses mortos. Até 1974, morreriam mais 3064. Manuel Silva tinha decidido que não ia ficar em Cuimba. Por isso, quando o furriel e os seis soldados regressam à improvisada base, os sete que tinham ficado estão alerta. Veem os rostos cansados dos soldados e a cara assustada dos civis. "Era um grupo grande, mas havia três ou quatro crianças. Lembro-me de que um dos engenheiros me quis oferecer algumas coisas, creio que era uma peça de marfim". A memória, por vezes, falha nos detalhes. "Olhei para aquilo e fui muito claro. Agradei e expliquei-lhe que, naquele momento, se aceitasse, significaria que teria de ficar alguém para trás. E isso não era opção, não podia ser". Estava quase. Manuel ainda não parou de falar. É o mais operacional dos quatro. Os outros três escutam-no, mas já conhecem a história de cor. Ao fim de 50 anos, já não há surpresas. "Reunimos toda a gente, montámos um perímetro de segurança à volta dos civis, e ficámos à espera do avião que nos iria levar. Chegou nesse mesmo dia". Francisco e os dois Antónios ouvem-no. Sabem que a seguir vai contar que, antes de descolar o avião, o piloto exigiu que cortassem uma enorme árvore no fim do terreno. Caso contrário, não seria possível. Que estiveram quatro homens, duas horas, à catanada contra um tronco teimoso para limpar o caminho. Que a tripulação tinha ordens para os procurar num raio de apenas 100 metros da pista. Sim. Sabem isso tudo. Mas despertam do entorpecimento quando Manuel fala de uma caixa que um oficial que ia bordo abriu sem ser preciso. "Estavam lá 14 lençóis muito bem dobrados. Um para cada um de nós".

RICARDO MARQUES

Os três aviões da TAP saíram de Lisboa na tarde de 12 de fevereiro de 1961